

cotidiano

diálogos sobre diálogos

Regina Leite Garcia • Edwiges Zaccur • Irene Giambiagi (orgs.)

Almerindo Janela Afonso
Antonio Flavio Barbosa Moreira
Carlos Skliar
Célia Linhares
Guadalupe Teresinha Bertussi
José Gregorio Rodríguez
José Marín
Menga Lüdke

Fleuri

216 c + Fleuri 617 i


DP&A
editora

Sumário

Apresentação	7
Ainda há lugar para a avaliação emancipatória? Almerindo Janela Afonso	11
O estranho em nossas escolas: desafios para o que se ensina e o que se aprende Antonio Flavio Barbosa Moreira	29
A questão e a obsessão pelo outro em educação Carlos Skliar	49
Enlugar amnésias, abrir atalhos para educar Célia Linhares	63
Considerações a propósito da situação dos direitos humanos de crianças e jovens Guadalupe Teresinha Bertussi	73
Prácticas interculturales en Europa y América Latina – el caso de la Amazonía peruana José Marín	89
¿Qué aprenden los que enseñan? José Gregorio Rodríguez	107
O desafio da avaliação para uma escola justa Menga Lüdke	121
Educações e culturas: em busca de aproximações Nelson De Luca Pretto	133
Alfabetização – alfabetizações – analfabetismo Regina Leite Garcia	149

Intercultura, educação e movimentos sociais: a perspectiva de pesquisas desenvolvida pelo Núcleo Mover (UFSC)	163
Reinaldo Matias Fleuri	
Microfascismos, preconceitos e resistências cotidianas	187
Sílvio Gallo	
Religião e política: compreensão das classes populares nas igrejas e nas salas de aula via pentecostalismo	201
Víctor Valla	

Intercultura, educação e movimentos sociais: a perspectiva de pesquisas desenvolvida pelo Núcleo Mover (UFSC)*

Reinaldo Matias Fleuri**

Com o processo de globalização, o Brasil enfrenta novos desafios nos planos político, social e educativo. De modo particular, coloca-se a necessidade de se enfrentar os conflitos, de modo a fortalecer as identidades pessoais e culturais, ao mesmo tempo em que construir processos de entendimento e cooperação entre os diferentes grupos sociais. A relação entre movimentos sociais de diversos matizes, enraizados em contextos diferentes, requer a elaboração de novas linguagens e de modelos interculturais à altura da complexidade dos desafios contemporâneos. Nesta direção, vem ganhando grande relevância social e educacional diferentes iniciativas sociais e políticas. Desenvolveram-se recentemente o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, as políticas afirmativas das minorias étnicas, as diversas propostas de inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais na escola regular, a ampliação e reconhecimento dos movimentos de gênero, a valorização das culturas infantis e dos movimentos de pessoas de terceira idade, além dos movimentos sociais articulados em torno de diferentes interesses econômico-políticos.

* Subsídio complementar à palestra apresentada na Mesa-Redonda Currículo e movimentos sociais (Gelsa Knijnik – Unisinos e Reinaldo Matias Fleuri – UFSC) integrante do VI Colóquio sobre Questões Curriculares e II Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares – Currículo: Pensar, Inventar, Diferir, realizado no Rio de Janeiro, UERJ, no período de 16 a 19 de agosto de 2004. O texto discute resultados do Projeto de Pesquisa Educação intercultural: desafios e perspectivas da identidade e da diferença cultural em práticas educativas e movimentos sociais no Brasil, financiado pelo CNPq (Brasil), no período de 2000-2004.

** Reinaldo Matias Fleuri é doutor em educação e professor titular na Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Coordena o Núcleo "Mover – Educação Intercultural e Movimentos Sociais" (UFSC). E-mail: <mover@mover.ufsc.br>. Homepage: <www.mover.ufsc.br>.

A perspectiva intercultural da educação, emergente nestes movimentos socioculturais e políticos, reconhece o caráter multidimensional e complexo da interação entre sujeitos diferentes. Busca, pois, desenvolver concepções e estratégias educativas que favoreçam o enfrentamento dos conflitos, na direção de superação das estruturas socioculturais geradoras de discriminação, de exclusão ou de sujeição entre grupos sociais.

Em tal contexto, o Núcleo “Mover – Educação Intercultural e Movimentos Sociais” (UFSC), vem buscando conceituar epistemológica e pedagogicamente a perspectiva intercultural da educação. Seus estudos focalizam as relações entre grupos socioculturais, étnicos, geracionais, de gênero nas práticas educativas escolares e nos movimentos sociais, visando a elaborar subsídios teórico-metodológicos para a formação de educadores. Tais estudos, desenvolvidos pelo Núcleo Mover sobre diferentes enfoques temáticos e transversais das relações interculturais, são objeto de uma apresentação sinóptica no texto a seguir.

Intercultura: questões emergentes

A globalização da economia, da tecnologia e da comunicação intensifica interferências e conflitos entre grupos sociais de diferentes culturas, particularmente na conjuntura recentemente agravada por ações políticas de caráter belicista por parte de nações hegemônicas, assim como pelas diversas formas de “terrorismo” desenvolvidas por organizações fundamentalistas. Frente a estes problemas, diferentes iniciativas e movimentos vêm desenvolvendo propostas de educação para a paz, para os direitos humanos, para a ecologia, para os valores etc.

Em todos estes movimentos sociais e educacionais que propõem a convivência democrática entre diferentes grupos e culturas, em âmbito nacional e internacional, assim como a busca de construir referenciais epistemológicos pertinentes, o trabalho intercultural pretende contribuir para superar tanto a atitude de medo, quanto a de indiferente tolerância frente ao “outro”, construindo uma disponibilidade para a leitura positiva da pluralidade social e cultural. Trata-se, na realidade, de um novo ponto de vista baseado no respeito à diferença, que se concretiza no reconhecimento da paridade de direitos.

Tal perspectiva configura uma proposta de “educação para a alteridade”, aos direitos do outro, à igualdade de dignidade e de oportunidades, uma proposta democrática ampla que, no mundo anglo-saxão, se define como *Multicultural Education* (EUA, Canadá, Grã-Bretanha), e que, nos outros países da Europa, assume diferentes denominações: pedagogia do acolhimento, educação para diversidade, educação comunitária, educação para a igualdade de oportunidades ou, mais simplesmente, educação intercultural.

Uma grande diversidade de termos e concepções vem sendo utilizada para indicar o conjunto de propostas educacionais que visam a promover a relação e o respeito entre grupos socioculturais, mediante processos democráticos e dialógicos. Entretanto, é preciso ter claro que os mesmos termos têm sido utilizados para indicar concepções distintas. O termo “multicultural” tem sido utilizado como categoria descritiva, analítica, sociológica ou histórica, para indicar uma *realidade de coexistência de diferentes grupos culturais* num mesmo contexto social. Também tem se referido a diferentes perspectivas de *respostas a esta realidade social multicultural*. Pode, inclusive representar *concepções pedagógico-políticas divergentes*: algumas defendem um modo de aproximar as *diferenças etnoculturais, isolando-as reciprocamente*; outras propugnam a perspectiva de *convivência democrática* entre todos os grupos diferentes.

Por sua vez, o adjetivo “intercultural” tem sido utilizado para indicar realidades e perspectivas incongruentes entre si: há quem o reduz ao significado de *relação entre grupos “folclóricos”*; há quem amplia o conceito de interculturalidade de modo a *compreender o “diferente” que caracteriza a singularidade e a irrepitibilidade de cada sujeito humano*; há ainda quem considera interculturalidade como sinônimo de “*mestiçagem*”.

Também o adjetivo “transcultural” é utilizado segundo diferentes sentidos. É entendido às vezes como *elemento transversal já presente em diferentes culturas* (universais culturais inscritos na estrutura humana), ou então como *produto original da hibridização* de elementos culturalmente diferentes.

Nós mesmos, à medida que vimos ampliando e aprofundando nosso processo de pesquisa, fomos dialogando sucessivamente com diferentes concepções de educação intercultural ou multicultural. Inicialmente encontramos estes termos definidos como sinônimos (Fleuri, 1998, p. 117-122). Mas, ao estudar a reflexão italiana sobre educação intercultural (Nanni, 1998), verificamos o entendimento da educação intercultural como aquela que enfatiza a relação entre sujeitos culturais diferentes, enquanto a educação multicultural constituiria uma perspectiva que busca o reconhecimento identitário das minorias étnicas, em luta contra os processos de sujeição a que foram submetidas historicamente (Fleuri, 2000). Estudos posteriores (Canen e Moreira, 2001) levaram-nos a entender o termo multiculturalidade como indicador da realidade de coexistência de diversos grupos culturais na mesma sociedade, enquanto o termo interculturalidade nos servia para indicar o conjunto de propostas de convivência e de relação democrática e criativa entre culturas diferentes. Mais recentemente, interagimos com estudos que buscam representar polifonicamente a polissemia dos desafios e das propostas emergentes como as expressões inter/multicultural (utilizada por Stoer, 2001) e intertranscultural (utilizada por Padilha, 2004).

A dificuldade de se controlar o entrelaçamento da terminologia e de interpretar corretamente o conjunto das diferentes propostas, impede-nos de produzir definitivamente esquemas simplificadoros eficazes. Mas, por isso mesmo, torna os processos de estudo e o debate neste campo particularmente criativo e aberto ao aprofundamento.

Para além da polissemia terminológica e da evidente diversidade de perspectivas que se expressam nas teorias e propostas relativas ao multiculturalismo, interculturalismo, transculturalismo, constitui-se um campo de debate que se torna paradigmático justamente por sua complexidade: *a sua riqueza consiste justamente na multiplicidade de perspectivas que interagem e que não podem ser reduzidas por um único código e um único esquema a ser proposto como modelo transferível universalmente.*

Entretanto, o eixo conceitual em torno do qual se situam as questões e as reflexões emergentes neste campo, e que caracteriza os mais

espinhosos problemas do nosso tempo, é o da possibilidade de *respeitar as diferenças* e de *integrá-las em uma interação que não as anule*, mas que *ative o potencial criativo e vital da conexão entre diferentes agentes e entre seus respectivos contextos*. Isto vale, de fato, tanto para o discurso das diferenças étnicas e culturais, físicas e sociais, de gênero e de gerações, a serem acolhidas na escola e na sociedade, quanto para a distinção entre os povos, a ser considerada nos equilíbrios internacionais e planetários. Vale também para a diversidade das propostas metodológicas, assim como para a possibilidade da articulação em rede das informações e dos novos saberes nas formas do pensamento complexo.

Enfim, estamos agora chamando de *intercultural* a este *complexo campo de debate em que se enfrentam polissemicamente* (constituindo diferentes significados, a partir de diferentes contextos teóricos e políticos, sociais e culturais) e *polifonicamente* (expressando-se através de múltiplos termos e concepções, por vezes ambivalentes e paradoxais) *os desafios que surgem nas relações entre diferentes sujeitos socio-culturais*. Neste campo, vimos estudando questões relativas às relações interétnicas, assim como às relações entre gerações e de gênero emergentes nos movimentos sociais

Intercultura e movimentos sociais

Os movimentos sociais têm sido um campo chave para as pesquisas que vimos desenvolvendo, justamente porque neles buscamos estudar as estratégias de representação e de aquisição de poder (*empowerment*) que tais movimentos vêm elaborando. Nesta linha, com Maurício José Siewerdt (2000), procuramos entender que mediações são recorrentes, para um grupo de professores de três escolas articuladas com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MST (em Fraiburgo – SC), diante da necessidade de seleção crítica dos recursos da linguagem audiovisual (televisão e vídeo), para a sua utilização no contexto do espaço escolar. Verificamos que os (diferentes) significados atribuídos por docentes ao uso de audiovisuais, como recurso didático, decorrem das (diferentes) experiências socioculturais que marcaram suas histórias de vida.

Nesta direção, a participação da recém-doutora Maria Isabel Rodrigues Orofino trouxe uma significativa contribuição para a pesquisa de nosso grupo. A partir de sua significativa produção teórica sobre mídia e mediações culturais, e através de intensa atividade no Núcleo Mover e no Projeto Rizoma, aprofundou conosco o estudo da temática das relações teórico-metodológicas entre as teorias da mídia, comunicação e a educação intercultural na constituição de redes de ação e solidariedade social (Orofino, 2003).

Tais estudos evidenciam que os meios de comunicação de massa, assim como as novas tecnologias educacionais, exercem uma profunda influência nas culturas populares. Mas esta influência não se constitui de modo unidirecional e inexorável, pois é constantemente ressignificada pelas experiências socioculturais que marcam as histórias de vida das pessoas, assim como pelas mediações culturais tecidas pelos diferentes grupos e movimentos sociais. Daí pode-se compreender a importância do trabalho educacional no sentido de potencializar a vitalidade e a criatividade dessas múltiplas teias interculturais de ação e comunicação social.

Ainda relativo à temática dos movimentos sociais, havíamos estudado, com Flávia Wagner (2000), o surgimento da proposta de educação intercultural que vem sendo desenvolvida pelo Centro de Educação e Evangelização Popular (Cedep), em Florianópolis, SC. Também com Valmor Umbelino (2000) realizamos um estudo sobre as contradições e perspectivas que emergem da discussão teórico-metodológica em torno da Educação Popular e da Economia Solidária. E com Rosângela Steffen Vieira (2002) concluímos um estudo de caso para averiguar as implicações interculturais das relações entre crianças e entre educadores(as) desenvolvidas na prática educativa. Através deste estudo, identificamos, na comunidade e no cotidiano da prática pedagógica dos professores da Escola Agrícola 25 de Maio, localizada no Assentamento Vitória da Conquista, município de Fraiburgo – SC, os indicadores da pluralidade cultural e a forma com que a escola trabalha a tensão entre a pluralidade cultural e a unidade política do MST. Esses estudos prosseguem e se aprofundam em sua pesquisa de mestrado (Vieira, 2004), focalizando, mais especificamente, a temática de relações de gênero e de gerações.

No âmbito dos movimentos sociais rurais, com Willer Araújo Barbosa, estamos analisando as práticas formativas articuladas a partir de trabalhadores e trabalhadoras rurais que vivem em regime de agricultura familiar, no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (MG). Enquanto sujeitos socioculturais coletivos com traços étnicos ameríndiafricanos, no contexto do envolvimento com um desenho ambiental agroecológico, passam a reivindicar o reconhecimento de seus processos identitários de resistência e resiliência culturais. A partir do resgate de elementos da história das populações tradicionais habitantes do entorno do referido Parque, o projeto que, por sua originalidade e relevância teórica, tornou-se projeto de tese, vem identificando, com base em Raymond Williams, as *estruturas de sentimentos* através do itinerário educativo e das diferenças culturais dessas populações, com vistas a subsidiar processos de formação de educadores, de educadoras populares e a implantação de uma escola da comunidade baseada na Pedagogia da Alternância (Barbosa, 2002).

Já no contexto urbano, com Nadir Azibeiro vimos, a partir do paradigma da complexidade, estudando e problematizando a multiplicidade das relações e interações que constituem a trama do cotidiano e da história da comunidade de Nova Esperança, em Florianópolis (SC) (Azibeiro, Perassa, Dolzan, 2001; Azibeiro, 2002; 2003a). Instalada a partir de um movimento popular de ocupação, essa comunidade passou, após oito anos, a manifestar divergências internas de caráter político, religioso, étnico e cultural. Tal fenômeno desafiou-nos a explicitar as diferenças dessas trajetórias que se encontram e desencontram, buscando entender a pluralidade dos elementos e dos contextos que vêm constituindo a comunidade. Particularmente com o projeto de tese *Educação Intercultural e comunidades de periferia: limiares da formação de educador@s* e a sistematização do projeto de extensão universitária em educação popular “Entrelaços do Saber” em desenvolvimento em Florianópolis (Azibeiro, 2003b), estamos investigando as possibilidades de constituição dos entrelugares em que a educação intercultural pode se manifestar como encontro-confronto polifônico e dialógico entre pessoas e grupos com várias identidades culturais, desconstruindo cristalizações manifestadas como preconceitos e estereótipos que subalternizam. A tarefa da

educação intercultural, como a estamos concebendo a partir desta experiência no projeto Entrelaços do Saber, não é adaptar, ou mesmo simplesmente possibilitar a mútua compreensão das linguagens. É, antes, possibilitar a emergência dos múltiplos significados (polifonia), provocando a reflexão sobre seus fluxos e cristalizações e os jogos de poder aí implicados, buscando-se a transformação de relações hierarquizadas e excludentes em relações de reciprocidade e de inclusão; de saberes fragmentados e disciplinarizados, em saberes que busquem, além das distinções, as interconexões, a desestabilização de dicotomias, substituindo bifurcações hierárquicas por redes de diferenças cruzadas, múltiplas e fluidas (dialógica).

Se as pesquisas de Willer Barbosa, vêm demonstrando uma emergência de identidades étnicas a partir de lutas de movimentos sociais camponeses, indicando uma ambivalência entre a dimensão étnica e política, as pesquisas de Nadir Azibeiro vêm explicitando as divergências internas de caráter político, religioso, étnico e cultural nas organizações comunitárias, indicando a pluralidade dos elementos e dos contextos que as vêm constituindo.

Articulado a essa pesquisa, Angeoletto (2003) desenvolveu um trabalho de “foto em lata” com adolescentes da mesma comunidade periférica. Essa proposta representa um desafio promissor: apresentar o mundo da fotografia para crianças e adolescentes de periferia. A técnica do “buraco de agulha” permite obter imagens com um equipamento de baixo custo, construído manualmente com latas de leite em pó. As imagens obtidas, pouco realistas, têm um potencial de interpretação muito rico, podendo ser usadas para abordar os processos de significação. As pessoas retratadas se vêem de um jeito inédito, e se reconhecem entre as manchas que formam a imagem fotográfica. O desafio proposto é mostrar a viabilidade de um outro jeito de fazer fotografia, tendo como perspectiva um outro jeito de ver a vida. Podemos usar a fotografia como partida para uma reflexão sobre aparência, padrões estéticos, sobre a luz, a visão, enfim, pode ser uma porta para provocar a curiosidade, a criatividade e o senso crítico, abrindo para jeitos polifônicos e dialógicos de ver e de fazer.

Por fim, com Kelly Regina Spricigo (2002) e a equipe do Núcleo Mover, na intenção de contribuir com uma inserção organizada dos integrantes deste Núcleo no movimento grevista, realizamos uma pesquisa sobre a constituição de identidades e diferenças dos vários grupos da universidade, na sua relação com a mesma, buscando identificar os principais espaços e dinâmicas realizadas coletivamente, através das quais as pessoas tecem relações entre si, no cotidiano da universidade. Com essa atitude, o Núcleo não só manteve a equipe no campus, como se direcionou a espaços e diálogos que não facilmente se dariam fora da dinâmica do movimento, que altera cotidiano da universidade, abrindo novas possibilidades de criação cultural.

Os diferentes estudos realizados sobre diversos contextos de movimentos sociais indicam uma problemática de fundo. Em todos os estudos verificam-se variadas formas e diferentes processos para se trabalhar a tensão entre a pluralidade cultural e a unidade política, assim como a tensão entre a busca de identidade cultural e a diversidade de opções políticas.

Intercultura e relações interétnicas

O nosso estudo da intercultura no campo das identidades e das relações (inter)étnicas tem focalizado principalmente as culturas indígenas e afro-brasileiras, em suas interações com outras configurações étnicas no contexto brasileiro. Com Oliveira (2002), analisamos a tensão interétnica existente no Oeste de Santa Catarina. Estudamos os estereótipos construídos por descendentes de imigrantes italianos e alemães, entendidos como os “de origem”, em relação ao grupo visto como minoritário composto por descendentes de caboclos, negros, índios e mestiços, cognominados de “brasileiros”.

Essa mesma problemática é estudada por Janiane Dolzan (2003), em sua dissertação sobre “O Processo de Construção da Italianidade em Rodeio – 1975/2000”, elaborada sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Felipe Falcão. A intenção deste trabalho foi perceber os interesses pessoais e coletivos, materiais e simbólicos, que entremeiam as múltiplas ações que configuram os diferentes projetos de italianidade fomentados no

município de Rodeio (SC). A partir da comemoração, no ano de 1975, do centenário da imigração italiana em Santa Catarina, emergem entidades visando a (re)inventar uma identidade italiana para a cidade. Surgem o Gibrac (Grupo Ítalo-Brasileiro de Arte e Cultura) e o Círculo Trentino que, através de elementos (re)significados, buscam erigir uma identidade trentina-italiana, ancorada em uma suposta continuidade das manifestações culturais dos primeiros imigrantes trentinos. Com apoio financeiro da Província Autônoma de Trento (Itália), bem como da Prefeitura Municipal de Rodeio (SC), durante duas décadas após o centenário, o Círculo Trentino esteve envolvido na criação de grupos de dança e canto, em viagens culturais para a Itália, na instalação de uma vinícola e de uma fábrica de queijos, na organização da festa “La Sagra”, etc. Todavia, a pesquisa possibilitou perceber algumas dissonâncias entre os discursos produzidos pela entidade e as manifestações culturais dos atuais e também dos antigos moradores. Tais tensões se evidenciam com o surgimento, no ano de 2000, de uma nova entidade: a União da Família Trentina, com aspirações contrárias às do Círculo Trentino. Se para este último a identidade do município deve ser pautada em elementos supostamente pertencentes a um passado, a Família Trentina aposta em uma identidade baseada na *Itália atual*. Tal disputa no campo cultural constitui mediações de múltiplas disputas políticas que perpassam as diferentes propostas de italianidade empreendidas no município.

Ainda do ponto de vista das relações interétnicas, produzimos um estudo sobre uma “experiência intercultural” de educadores brasileiros com educadores japoneses (Fleuri, 1999) e uma “pesquisa sociopoética” (Fleuri, Gauthier e Grando, orgs., 2001), tendo esta última focalizado o imaginário de pesquisadores sobre as “relações étnicas entre o negro, o índio e o branco”, para realizar um estudo de caráter eminentemente epistemológico e teórico-metodológico a respeito da pesquisa em grupo.

Com relação às culturas indígenas, Beleni Saléte Grando veio conosco investigando as relações interculturais nas práticas corporais indígenas, tendo como referência as relações estabelecidas historicamente

entre o povo Bororo (MT) e a sociedade brasileira envolvente, com o intuito de formular conhecimentos educacionais para sua educação escolar e para a formação de professores indígenas. A tese de Beleni Grandó (2004), defendida em abril de 2004, estuda as relações interculturais que se configuram nas práticas corporais de povos indígenas, contextualizando-as no processo de “integração” do povo Bororo à sociedade brasileira/mato-grossense e no movimento indígena por terra, cultura e educação. Neste movimento de luta, resistência e negociação, a educação escolar indígena e a formação de seus professores se configuram como experiências interculturais interessantes para a análise da dinâmica do processo e da complexidade do ambiente em que se situa o objeto de pesquisa. De caráter qualitativo, a pesquisa baseia-se em dados coletados por meio de entrevistas (com professores, pais, parentes e crianças), por observações de práticas corporais das crianças na aldeia (de modo particular, o ritual de *nominação*, a dança tradicional bororo e o futebol praticado pela comunidade) e na análise de documentos (desenhos, fotografias, fita cassete, fita de videocassete, etc.) inventariados no Projeto Tucum (formação de professores para o magistério), bem como os documentos produzidos pela comunidade de Meruri. A tese oferece uma importante referência para a discussão dos processos de interculturação e de educação que se desenvolvem nas práticas corporais indígenas.

Com relação à temática dos afro-brasileiros, Cristiana Tramonte, em seu livro *O Samba conquista passagem* (2001a), realiza um trabalho de recuperação histórica do carnaval no Brasil, focalizando a dimensão educativa da prática social e cultural das escolas de samba, particularmente em Florianópolis. Apresenta os avanços e os retrocessos do Mundo do Samba, analisa suas contribuições pedagógicas na esfera do lazer, da criação artística e da cultura, e estuda como, através de todo este processo, desenvolve ações de cidadania. Esta obra mostra como as Escolas de Samba se fazem expressão da sociedade que as circunda, refletindo sua estrutura e sua organização social. Por um lado, expressa o sonho de alguns em busca do “igualitarismo cultural”, ritualizando esta utopia no desfile das Escolas. Por outro, evidencia hierarquias de classe, diferenças étnicas, conflitos e lutas pelo poder nos atos de organização

do carnaval. O livro, publicado recentemente, apresenta um condensado da dissertação de mestrado defendida em 1994. Constitui um referencial importante para a compreensão da dimensão educativa das escolas de samba. É uma obra pioneira ao analisar as escolas de samba no sul do Brasil.

Da mesma autora, o livro *Com a Bandeira de Oxalá! – Trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis* (Tramonte, 2001b) é mais um precioso guia para adentrar no mundo da cultura afro-brasileira. Constitui-se num estudo etnográfico, que fixa o discurso social desenvolvido pelas religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis, na forma de “trajetória histórica”, descrita com base em uma abrangente coleta e atenta análise das fontes disponíveis, assim como na forma de discussão de “temas relevantes” para os líderes religiosos da Umbanda, do Candomblé e de Almas e Angola, entrevistados na região florianopolitana. A obra constitui uma documentação histórica de grande envergadura e se tornou uma referência pioneira sobre a trajetória das religiões afro-brasileiras no sul do Brasil.

Ainda no campo dos estudos que focalizam questões relativas a culturas afro-brasileiras Marcio Penna Corte Real está desenvolvendo o projeto de tese (2002) que visa a investigar a dimensão intercultural das estratégias educativas e práticas de resistência cultural na capoeira, principalmente as expressas nas suas músicas de origem étnica negra. Para tanto, a investigação vem sendo desenvolvida através da inserção/trabalho de campo em grupos de capoeira. No âmbito teórico, o trabalho busca explicitar o potencial organizativo e epistemológico das aproximações entre a educação intercultural e educação dialógico-problematizadora. A investigação dos saberes e fazeres dos “professores de capoeira”, estratégias educativas, processos identitários e práticas de resistência cultural mediados pela música, poderá permitir a reflexão sobre a constituição de políticas públicas e potencializar referenciais teórico-práticos para a atuação/formação de professores.

Tais estudos analisam contextos e problemáticas singulares, a partir de diferentes enfoques teóricos. Revelam, no entanto, algumas constatações de caráter geral.

Em primeiro lugar, permitem compreender que as identidades étnicas se constituem dinamicamente e de modo complexo nas relações entre os diferentes grupos socioculturais. De um lado, compreende-se que um grupo étnico vai se constituindo a partir de práticas culturais e de interesses compartilhados por um conjunto de pessoas num determinado contexto sócio-histórico. Mas, de outro lado, percebe-se que o reconhecimento ou a contestação, por parte de outros grupos, ativam novas reinterpretações dos significados que cada grupo atribui às suas práticas. Neste sentido, o processo identitário vai se desenvolvendo de modo fluido, híbrido e polissêmico, porque relacional. Esta é justamente uma das constatações que se pode deduzir a partir da pesquisa desenvolvida por Beleni Salete Grando, junto ao povo Bororo, e dos estudos realizados por Cristiana Tramonte, junto a práticas culturais afro-brasileiras.

Em segundo lugar, verifica-se que os processos de constituição e identificação étnica atravessam processos de organização social de caráter econômico e político, ao mesmo tempo em que a constituição étnica é atravessada por mobilizações econômico-políticas. O trabalho de Janiane Dolzan evidencia, justamente, que as disputas no campo cultural constituem mediações de múltiplas disputas políticas que perpassam as diferentes propostas de italianidade empreendidas no município de Rodeion (SC).

Em terceiro lugar, as pesquisas evidenciam que as práticas culturais populares constituem-se num poderoso campo de luta social. As pesquisas de Cristiana Tramonte demonstram, precisamente, que o carnaval e as escolas de samba, assim com as práticas religiosas afro-brasileiras, se configuraram como mediações importantes para as classes populares conquistarem reconhecimento e hegemonia cultural no contexto brasileiro.

Por fim, verifica-se a importância de se considerar a dimensão étnica e interétnica nas relações pedagógicas. De um lado, foi possível reconhecer os estereótipos e preconceitos que emergem, seja no cotidiano das relações escolares (como o demonstra Ancelmo Oliveira), seja no imaginário dos educadores e pesquisadores (como ficou explícito na nossa

pesquisa sociopoética). De outro lado, verifica-se a necessidade de se elaborar estratégias de origem popular para a formação de educadores, como se vem propondo nas pesquisas sobre capoeira desenvolvidas por Marcio Penna Corte Real.

Intercultura e gerações

No campo das relações geracionais, focalizamos a educação de adultos em dois estudos. No primeiro, com a dissertação de Rejane Klein (2000), analisamos o discurso da alfabetização de adultos ao longo da história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil e, em particular, na região oeste do Paraná. Procuramos detectar os modos de objetivação e subjetivação do adulto analfabeto e as implicações pedagógicas deste discurso. Constatamos várias formas de objetivação e subjetivação que propiciaram o estabelecimento de relações entre as práticas pedagógicas e o discurso da alfabetização.

No segundo estudo, com Marcia Rejania de Souza Xavier (2003), investigamos os conflitos interculturais que emergem na relação entre alfabetizador e alfabetizados no Programa de Educação de Adultos de Comunidades Evangélicas – Peace (Londrina – PR). Focalizando as tensões e ambivalências que emergem da relação intercultural, a pesquisa investiga os significados que a Educação de Adultos assume, quando acontece em um contexto religioso popular evangélico. Os resultados apontam para a necessidade, na Educação de Adultos, de valorizar a cultura popular, constituída com base na oralidade, e de considerar a experiência de fé das classes populares, no sentido de conhecer a leitura que as pessoas empobrecidas fazem do mundo.

Estas duas pesquisas focalizam, sob pontos de vistas diferentes, o trabalho de alfabetização de pessoas jovens, adultas e anciãs. Verifica-se uma tensão entre, de um lado, os discursos oficial e religioso, que pretendem fixar a identidade do adulto alfabetizando, e, de outro lado, as experiências de vida destas pessoas, que revelam singularidades que escapam às categorizações institucionais e podem potencializar a emergência de múltiplas e criativas interpretações (leituras e escritas) das realidades humanas. Tal tensão se configura num desafio funda-

mental aos educadores e às educadoras, no sentido de reconhecer e trabalhar interculturalmente as diferenças subjetivas e culturais das pessoas educandas.

Esta mesma questão é enfrentada no campo da educação infantil. De modo particular, com Maria Izabel Porto de Souza (2002), investigamos uma experiência prática de intercâmbio pedagógico intercultural realizada entre educadores(as) e crianças do Projeto Oficinas do Saber (executado em Florianópolis, desde 1990, pelo Centro de Educação Popular de Florianópolis – Cedep) e educadores(as) e crianças de uma rede de Escolas Públicas Italianas de ensino fundamental. Analisamos as mediações interculturais desenvolvidas nessa experiência, buscando elucidar estratégias teórico/metodológicas para a formação de educadores(as) na perspectiva da educação intercultural como uma das possibilidades de ruptura das mediações monoculturais que perpassam as escolas, a formação e as ações educativas de educadores(as) no Brasil.

Descobrimos neste trajeto traços de percursos interculturais que falam da presença de sujeitos que tecem teias de relações nos processos educacionais. Aquelas teias, normalmente invisíveis, mas que estão presentes nos chamados currículos ocultos. Presentes nas relações articuladas por liames de reciprocidade, solidariedade, acolhimento, escuta, reconhecimento, auto-estima, conflitualidade, entrelaçamento de pontos de vista diferentes e pela variedade de expressividades que proporcionam o desvelamento de uma rede de conhecimentos e experiências humanas. Neste sentido, consideramos o percurso já desenvolvido e analisado em países onde a educação intercultural faz parte do processo formativo e dos parâmetros curriculares nacionais, apresentando uma estrada de experiências e discussões (como é o caso da Itália), apenas recentemente iniciadas no Brasil com os temas transversais em educação, propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Encontramos pistas para elucidar as contribuições que a transversalidade da educação intercultural pode proporcionar para atuação com crianças das classes populares e para a formação de educadores(as). Traços de uma pedagogia das fronteiras, das mestiçagens, das “contaminações” que têm compromisso com valores, hábitos e comporta-

mentos para a convivência com outros e outras. Traços de uma didática intercultural que não coloca a sua atenção nas culturas, enquanto tais, mas que presta *atenção às pessoas que são portadoras destas culturas*. Uma didática que reflete sobre o ser humano e coloca a pessoa como valor, no centro do saber, do saber-fazer e do saber-ser em educação. Vivemos a viabilidade, nunca isenta de contradições, de um projeto educativo que se propõe a modificar as percepções e os hábitos cognitivos com os quais, geralmente, nos representamos, representamos os outros e o mundo. Uma didática construtora de pontes ao religar os saberes humanos para humanizar a educação.

Avançando na busca de elaborar referenciais para a formação de educadores(as), com Cleonice Maria Tomazzetti (2004) continuamos a desenvolver um estudo na perspectiva da investigação-ação educativa. Partimos do entendimento da infância como portadora de cultura própria, na medida em que as crianças desenvolvem padrões de interpretação e de relações próprios de sua fase de desenvolvimento humano. Com base nestes padrões culturais infantis, construídos dinamicamente na sua relação com o seu contexto social e cultural mais amplo, as crianças interagem com o ambiente e com os adultos elaborando significados próprios. Neste sentido, procuramos desenvolver a compreensão de processos educativos que, constituindo-se como investigação dos significados e dos padrões de significados desenvolvidos pelas crianças, possibilitem o reconhecimento da peculiaridade das culturas infantis e promovam seu crescimento em diálogo crítico com as culturas dos adultos. A ampliação da potencialidade educativa das crianças implica, deste modo, em superar a idéia de criança como um ser carente de razão, imaturo e incapaz, concepção esta que sustenta o entendimento de educação escolar como supridora de deficiências e carências infantis, a partir de padrões culturais tidos como universais e homogêneos.

Também concluímos, com Larissa Silva (2000), a pesquisa exploratória sobre brincados e jogos infantis, na qual identificamos indícios de mediação entre as culturas da comunidade na medida em que são atualizadas e re-elaboradas sob a óptica das crianças.

Em suma, tanto nas práticas educacionais realizadas com pessoas adultas, quanto nas práticas de educação infantil, pareceu importante considerar a especificidade e a complexidade das experiências culturais e geracionais das crianças, dos jovens, dos adultos e dos anciãos. Considerar os educandos como pessoas com uma singular história de vida e como sujeitos de cultura, ou seja, como autores de experiências e protagonistas de relações desenvolvidas em contextos sociais complexos, aparece como a base para a construção de uma relação educativa dialógica e intercultural. Neste sentido, as pesquisas de Maria Izabel Porto de Souza apontam estratégias de educação intercultural, da mesma forma que Cleonice Maria Tomazzetti desenvolve a proposta de investigação-ação-educativa, como mediações importantes para potencializar dialogicamente as redes de conhecimentos e de experiências humanas desenvolvidas pelas crianças, assim como pelos adultos, tal como demonstrado por Márcia Rejania de Souza Xavier e Rejane Klein.

Intercultura e gênero

Em nosso grupo de pesquisa, começamos a assumir os estudos de questões de gênero a partir do estudo desenvolvido por Roselei Schmitz (2002). Nesta investigação, analisamos as relações de gênero nas ações cotidianas da Educação Infantil em crianças na faixa etária de 4 a 5 anos que freqüentam o Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC. Para tal, realizamos observações participantes, entrevistas, desenhos, e registros dos momentos da chegada na instituição, da hora do lanche, do momento da educação física, das brincadeiras livres e da despedida da instituição. Nestes momentos específicos foram observadas as ações, as falas, a linguagem corporal, as negociações que as crianças estabelecem em suas relações com outras crianças do mesmo sexo e do sexo oposto. Este estudo manteve estreita relação com a temática da pesquisa desenvolvida por Déborah Sayão, que focaliza as relações de gênero, particularmente as relações entre profissionais homens e mulheres que atuam em creches no município de Florianópolis (SC).

Pudemos ampliar e aprofundar a compreensão da interculturalidade à medida que fomos desafiados pelo imenso campo de pesquisas sobre

as relações de gênero, com o qual dialogamos por ocasião do desenvolvimento do Projeto *Rizoma* e da realização do *II Seminário Internacional Educação Intercultural, gênero e movimentos sociais* (cf. www.rizoma.ufsc.br).

A temática de gênero foi, juntamente com a questão geracional, o foco central da pesquisa de mestrado desenvolvida por Rosângela Steffen Vieira (2004) *Juventude e sexualidade no contexto (escolar) de assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. A pesquisa analisou como as representações sobre sexualidade e gênero são construídas e assumidas pelos jovens que vivem nos assentamentos do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra, buscando identificar como estes jovens se expressam sobre sexualidade e quais as representações de gênero implícitas nestes discursos, bem como as interfaces entre o contexto em que vivem, marcado pela militância política, e as representações em questão.

A discussão sobre gênero tem tido, em nosso grupo de pesquisa, contribuição significativa de Silvana Maria Bitencourt (2003), que vem estudando as relações de gênero e geracionais entre feministas jovens e históricas, focalizando os aspectos relativos à construção da identidade feminina na contemporaneidade brasileira. Entre os aspectos mais significativos encontrados na construção da nova mulher estão a instrução e a profissionalização. A preocupação com a carreira tornou-se o gérmen da formação da nova mulher, esta que tende a ocupar espaços culturalmente destinados aos homens. Ocorreu, portanto, uma mudança de valores sociais que historicamente moldaram a identidade feminina. Assim sendo, construir uma reflexão, através de estudos sistemáticos sobre trajetórias de jovens do período de formação na universidade até o mercado de trabalho incorpora o compromisso de desvendar as principais nuances vivenciadas entre mulheres e profissões de prestígio. De modo particular, vimos que o campo profissional da engenharia tem suas razões históricas para assimilar características masculinas. Neste sentido, as jovens engenheiras vivenciam uma estrutura educacional que historicamente foi moldada para atender ao sexo masculino. Surge, então, a necessidade de compreensão dos valores

sociais ligados a esta formação profissional, para assim, explicitar as transformações causadas pela ocupação destas novas profissionais numa estrutura formada por valores hegemonicamente masculinos.

O diálogo com os estudos sobre relações de gênero tem nos sido extremamente significativo, de modo particular para se compreender os desafios interculturais que emergem na constituição das identidades de gênero e das subjetividades. A multiplicidade de significados que emergem hoje através da ação de grandes movimentos sociais promovidos em torno das questões de gênero, coloca o desafio de trabalhar educativamente no enfrentamento de preconceitos e discriminações sociopolíticas arraigados em nossas histórias e em nossas culturas. Ao mesmo tempo, torna urgente assumir e desenvolver, nos processos pedagógicos, a dimensão de gênero e de sexualidade como fator tão essencial quanto delicado e complexo da constituição das subjetividades e das identidades socioculturais.

Considerações finais

O processo de pesquisa desenvolvido pelo Núcleo Mover indica a complexidade que a perspectiva intercultural revela nas práticas dos movimentos sociais. São múltiplos sujeitos sociais que, a partir de diferentes contextos culturais, desenvolvem relações de saber e de poder que agenciam diferentes dispositivos políticos, diferentes linguagens e campos semióticos, articulando diferentes dimensões e campos epistêmicos. É nos entrelugares (Bhabha, 1998), ou seja, na fricção entre os diferentes campos de força, constituídos pelas ações dos diferentes agentes socioculturais, é que vão emergindo paradoxos, ambivalências, contradições, tensões, desafios que mobilizam a emergência do novo. Captar, compreender, potencializar a emergência dos dispositivos e movimentos socioculturais que propiciem a vida e a convivência humana e ecológica, na direção da igualdade de direitos e de oportunidades, do respeito e da constituição das singularidades numa perspectiva emancipatória e solidária, em tensão contínua com os dispositivos de sujeição e exclusão: eis o desafio que se coloca aos diferentes agentes sociais em geral e, em particular, às educadoras e aos educadores.

Ao buscar estudar algumas questões que emergem nas relações entre movimentos sociais de etnias, de classe, de gerações e de gênero, o Núcleo Mover vem prestando uma modesta contribuição para o avanço na elaboração de referenciais epistemológicos da educação intercultural.¹ Ao mesmo tempo, a perspectiva de atuação em rede com outros grupos de pesquisa – que obviamente trabalham a partir de diferentes enfoques teóricos – impeliu-nos a buscar superar a fragmentação e a disciplinarização que tem caracterizado historicamente a prática de pesquisa. Isto nos abre possibilidades de construção de perspectivas transdisciplinares na produção do conhecimento científico. A prática de atuação em rede também vem possibilitando uma ampla troca de referenciais teóricos e metodológicos, o que se torna enriquecedor para todas as atividades correlatas ao grupo de pesquisa.

Assim, de um lado, o eixo articulador do nosso processo de pesquisa vem se constituindo pela busca de elaboração epistemológica do conceito de intercultura e do estudo crítico dos desafios interculturais colocados pelos movimentos sociais na realidade brasileira. De outro lado, o próprio processo metodológico e as relações dialógicas, que o grupo vem construindo, têm nos levado a viver uma experiência intercultural de elaboração dialógica e complexa do conhecimento.

Referências bibliográficas

- ANGEOLETTO, F. *Histórias de vida em comunidades de Florianópolis: registros através de fotografia artesanal com lata*. Relatório Final de Iniciação Científica – UFSC – CNPq. Florianópolis, 2003. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri.
- AZIBEIRO, N. E. Comunidades de periferia, relações interculturais e formação de educador@s: algumas questões epistemológicas, políticas e pedagógicas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL INTERCULTURA, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS. Identidade, Diferença e Mediações. Florianópolis. UFSC, 2003 a. CD ROM.

¹ A apresentação dos estudos realizados pelo Núcleo Mover sobre a conceituação epistemológica da educação intercultural já foi publicada nos Anais do 1º Colóquio Internacional de Políticas Curriculares (João Pessoa, 12-14 nov. 2003). No presente texto, limitamo-nos a apresentar os estudos desenvolvidos no âmbito dos movimentos sociais.

- AZIBEIRO, N. E. Educação Intercultural e Complexidade: desafios emergentes a partir das relações em comunidades populares. In: FLEURI, R. M. (org.) *Educação Intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003 b, p. 85-107.
- AZIBEIRO, N. E. Educação popular e movimentos sociais: o que têm feito as assessorias? In: 24ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. 24. *Relação de trabalhos*. Caxambu: Anped, 2001. CD ROM.
- AZIBEIRO, N. E.; PERASSA, M. I.; DOLZAN, J. C. Educação e Intercultura na Comunidade Nova Esperança In: FLEURI, R.M. *Intercultura: Estudos Emergentes*. Ijuí: Unijuí, 2001. p. 17-39.
- BARBOSA, W. A. *Em defesa da vida e do meio ambiente: uma jornada intercultural em Araponga, Minas Gerais*. Projeto (doutorado em educação) – UFSC. Florianópolis, 2002. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri.
- BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BITENCOURT, S. M. Um olhar sobre a participação das feministas no II Fórum Social Mundial. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL: Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais. Identidade, Diferença e Mediações. *Relação de trabalhos*. Florianópolis: UFSC, 2003. CD ROM.
- CANEN, A.; MOREIRA, A. F. B. Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente. In: CANEN, A. e MOREIRA, A. F. B. (orgs.) *Ênfases e omissões no currículo*. Campinas: Papirus, 2001.
- CORTE REAL, M. P. *Intercultura e Dialogicidade: investigando estratégias educativas e práticas de resistência cultural na Capoeira*. Projeto (doutorado em Educação). CCE – UFSC. Florianópolis, 2002. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri.
- DOLZAN, J. A. *(re)invenção da italianidade em Rodeio – SC*. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC. Florianópolis, 2003. Orientador: Luiz Felipe Falcão.
- FLEURI, R. M. Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educativos. In: *Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 67-81. Série Endipe.
- _____. *Na terra do sol nascente: uma vivência intercultural*. Florianópolis: MOVER, 1999.
- _____. Educação popular e complexidade. In: COSTA, M.V. *Educação popular hoje*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 99-122.
- FLEURI, R. M.; GAUTHIER, J.; GRANDO, B. S. (orgs.) *Uma pesquisa sociopoética: o índio, o negro e o branco no imaginário de pesquisadores da área de educação*. Florianópolis: UFSC/NUP/CED, 2001.
- GRANDO, B. S. *Corpo e Educação: Relações Interculturais nas práticas corporais Bororo em Meruri – MT*. Tese (Doutorado em Educação). UFSC. Florianópolis, 2004. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri.

- KLEIN, R. *Os discursos da alfabetização de adultos e as representações do sujeito analfabeto*. Dissertação (Mestrado em Educação). UFSC – Florianópolis, 2000. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri.
- NANNI, A. *L'educazione interculturale oggi in Italia*. Brescia: EMI, 1998.
- OLIVEIRA, A. P. *O discurso da exclusão na escola*. Joaçaba: Unoesc, 2002.
- OROFINO, M. I. *Mídia e Educação: contribuições dos Estudos da Mídia e Comunicação para uma pedagogia dos meios na escola*. In: FLEURI, R. M. (org.) *Educação Intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- PADILHA, P. R. *Currículo intertranscultural: novos itinerários para a educação*. São Paulo: Cortez/IPF, 2004.
- SCHMITZ, R. *Gênero e infância: a busca de uma relação*. Relatório Final de Iniciação Científica. UFSC – Florianópolis, 2002. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri. Co-orientadora: Déborah Thomé Sayão.
- SIEWERDT, M. J. *Da cultura como mediação à mediação como cultura política: um estudo de recepção com educadores do MST frente aos recursos audiovisuais*. Dissertação (Mestrado em Educação) – PPGE/CED, UFSC. Florianópolis, 2000.
- SILVA, L. R. da. *Educação Intercultural e complexidade nas festas populares*. Relatório Final de Iniciação Científica. UFSC – CNPq Florianópolis, 2000. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri.
- SOUZA, M. I. P. *Construtores de pontes*. Explorando limiares de experiências em educação intercultural. Dissertação (Mestrado em Educação). CCE-UFSC. Florianópolis, 2002. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri.
- SPRICIGO, K. R.; FLEURI, R. M. A Construção de identidades e diferenças no movimento grevista de 2001 na UFSC. In: XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. X Jornada de Jovens Pesquisadores da AUGM. *Relação de Trabalhos*. Florianópolis: UFSC, 2002.
- STOER, S. Desocultando o vó das andorinhas: educação inter/multicultural crítica como movimento social. In: *Transnacionalização da educação: da crise da educação à "educação" da crise*. Porto: Afrontamento, 2001.
- TOMAZZETTI, C. M. *Pedagogia e infância na perspectiva intercultural: implicações para a formação de professores*. Tese (Doutorado em Educação) – CCE-UFSC. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri. Florianópolis, 2004.
- TRAMONTE, C. *O samba conquista passagem: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba*. Petrópolis: Vozes, 2001a.
- _____. *Com a bandeira de Oxalá! Trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras da Grande Florianópolis*. Itajaí/Florianópolis: Univali/Lunardelli, 2001b.

- UMBELINO, V. J. *Sócio-economia solidária e educação popular: contradições e perspectivas*. Dissertação (Mestrado em Educação) – PPGE/CED-UFSC. Florianópolis, 2000. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri.
- VIEIRA, R.S. *Implicações pedagógicas da educação intercultural em escola de assentamento do MST*. Florianópolis, 2002. Relatório Final de Iniciação científica (Pedagogia) – UFSC-CNPq. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri.
- _____. *Juventude e sexualidade no contexto (escolar) de assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. Dissertação (Mestrado em Educação) – CCE-UFSC. Florianópolis, 2004. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri.
- WAGNER, F. *Educação intercultural e complexidade nos movimentos sociais*. Relatório Final de Iniciação Científica. Florianópolis, 2000. UFSC – CNPq. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri.
- XAVIER, S. M. *Educação e Religião: os entrelugares da educação de adultos na ação educativa da PEACE*. Dissertação (Mestrado em Educação) – CCE-UFSC. Florianópolis, 2003. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri.